

AS VIAGENS DE NÍSIA FLORESTA PELO SOLO BRASILEIRO DURANTE O SÉCULO XIX

Elizabeth Maria da Silva¹

lattes.cnpq.br/5875403152136084

Resumo: Objetivamos neste artigo analisar as viagens de Nísia Floresta, feminista, professora, escritora, jornalista do século XIX, onde suas obras eram pautadas na condição intelectual e social da mulher. Para tanto, nos apoiamos nas principais obras da autora, especificamente as que detalhavam suas vivências no Brasil, além de dialogarmos com Câmara (1941), Duarte (2010), Koster (1942) dentre outros e outras que auxiliaram na construção do tempo histórico e social em que Nísia Floresta viveu suas andanças em terras brasileiras. Nesse contexto, exploramos o contexto de cada lugar por onde a viajante passou. Desde o clima de revolta que eclodiu durante o século XIX e que desde menina a acompanhou, a sua infância cercada de livros, o casamento precoce, o contato com os estudantes da Faculdade Direito de Olinda até sua estada no Rio de Janeiro, onde fundou o Collegio Augusto. De fato, as viagens de Floresta, nos revelaram uma mulher forte, ousada, adiante de seu tempo. Uma viajante de olhar reflexivo, trajetórias e vivências singulares por onde passou. Denunciando além das condições de submissão por que passavam as mulheres de sua época à realidade de ensino oferecido.

Palavras-chaves: Nísia Floresta; Viagens; Educação; História.

THE TRAVELS OF NÍSIA FLORESTA IN BRAZIL OF THE 19TH CENTURY

Abstract: We aim to analyze in this article the travels of Nísia Floresta, feminist, teacher, writer, journalist of the 19th century, where her works were based on the intellectual and social condition of women. To that end, we supported the author's main works, specifically those that detailed her experiences in Brazil, in addition to dialoguing with Câmara (1941), Duarte (2010), Koster (1942) among others and others who assisted in the construction of historical and Social in which Nísia Floresta lived his wanderings in Brazilian lands. In this context, we seek to explore the context of each place where the traveler passed. From the climate of revolt that erupted during the nineteenth century and which since childhood has accompanied her, her childhood surrounded by books, early marriage, contact with the students of the

¹ Doutoranda em Educação pela Universidad de Salamanca (Espanha). Contato: elizabethdasilva@usal.es.

Right Faculty of Olinda until her stay in Rio de Janeiro, where she founded the Colle-gio Augusto. In fact, the travels of the Forest revealed to us a strong, daring woman ahead of her time. A traveler with a reflective look, unique trajectories and experiences wherever he went. Denouncing beyond the conditions of submission by which the women of their time passed the reality of teaching offered.

Keywords: Nísia Floresta; Travels; Education; History.

Introdução

A produção literária e intelectual de Nísia Floresta se deu no século XIX em meio a uma sociedade que ignorava, de todas as formas, o intelecto das mulheres, assim como sua competência. Foi precisamente nesse período, que Nísia Floresta², iniciou seus escritos, onde defendia, dentre outros assuntos, a igualdade de direitos entre os sexos. O direito à educação, ao trabalho e de que as mulheres tivessem o controle sobre sua própria vida, estava na pauta da viajante. Ainda neste período, Nísia Floresta, iniciou suas viagens em solo brasileiro.

A recuperação dos registros de tais viagens, aqui no Brasil, foi extraída de livros da autora, dentre eles, “Fragmentos de uma obra inédita” (Floresta, 2001) e obras de outros autores como Câmara (1941), Duarte (2005; 2010), dentre outros. Além de outras que auxiliaram na construção do tempo histórico e social em que Nísia Floresta viveu suas andanças em terras brasileiras.

Nesse sentido, buscamos neste artigo, seguir cronologicamente, as viagens de Nísia Floresta em cada lugar que viveu aqui no Brasil. Procuramos, em tempo, tecer comentários dialogando com a própria viajante através de suas obras, com outros autores/autoras e com o contexto de cada lugar por onde passou. Desde o clima de revolta que eclodiu durante o século XIX e que desde menina a acompanhou, sua infância cercada

² Nísia Floresta foi uma feminista, professora, escritora, jornalista do século XIX. Suas obras eram pautadas na condição intelectual e social da mulher. Para mais informações ler “Mulheres emancipai-vos: um estudo sobre o pensamento pedagógico e feminista de Nísia Floresta” (SILVA, 2014).

de livros, o casamento precoce, o contato com os estudantes da Faculdade Direito de Olinda até sua estada no Rio de Janeiro, onde fundou o Collegio³ Augusto. E posteriormente continuou suas viagens pelo continente europeu.

Um breve contexto histórico (das mulheres) do Brasil no século XIX

Numa visão sociológica, o século XIX foi o marco de diversos acontecimentos na estrutura social, política, intelectual, econômica e cultural do Brasil. Tais fatores, sabemos, sofreram influências direta e indiretamente do continente europeu. As mudanças que ocorreram no país, desde o início do século, acarretaram, de fato, uma diferente forma de vida dos brasileiros, uma minoria que era formada pela elite, devido ao suposto progresso pelo qual viria passar antiga colônia portuguesa. Alguns estudiosos datam que o progresso brasileiro chegou nas naus da Família Real (1808), quando esta se transferiu para o Rio de Janeiro, tornando-a a capital da corte.

À luz dessas afirmações, sabemos que o século em questão, não apenas o Brasil, passava por significativas transformações no campo político, social e cultural.

De fato, esta melhoria da forma que chegou em terras brasileiras atendeu aos interesses da burguesia e da sociedade patriarcal e patronal do país. De acordo com Octavio Ianni (2004, p. 20), “a persistência do escravismo e os artifícios do manto monárquico configuravam um poder estatal com as características de uma administração distante, estranha, alheia aos interesses populares”. A grande maioria, entretanto, pertencia às camadas subalternizadas, compostas por escravos e escravas, mulheres e homens livres e pobres. Esse progresso viria em passos extremamente lentos.

³ Optamos em manter a escrita da época.

É importante ressaltar que mesmo no seio da sociedade patriarcal na qual se desenvolvia o sistema social e cultural brasileiro, Hahner (2003, p. 43) salienta que “dentro da elite, nem todas as mulheres eram confinadas à esfera privada da casa e excluída da esfera pública de uso restrito dos homens”. Sabemos, pois que mesmo sendo muito raro, isso seria possível a algumas mulheres viúvas de fazendeiros, que assumiam o controle das propriedades sozinhas. “A viuvez libereva-as de algumas das restrições legais impostas às mulheres casadas e conferia-lhes a autoridade de chefe de família” (HAHNER, 2003, p. 43).

Na história das mulheres brasileiras muito pouco tem se produzido sobre essas ocorrências, onde há destaques em relação ao sexo feminino, preferindo muitos estudos, no entanto, destacar a situação das mulheres que viviam reclusas em suas casas. Colling (1997, p. 15) observa que “fazer história das mulheres impõe um exame crítico dos muitos trabalhos feitos até agora, nos quais a mulher era somente mais um tema; é necessário inscrevê-la na história como sujeito histórico”.

Para Octavio Ianni (2004, p. 20), em sua obra “Pensamento Social no Brasil”,

o modo pelo qual se organizou o Estado nacional garantiu a continuidade, o conservadorismo, as estruturas sociais herdadas do colonialismo, o lusitanismo. Ao longo do século 19, durante o império, o Brasil permaneceu mais ou menos lusitano.

O clima intelectual e cultural predominante no Brasil deste século, mesmo contagiando-se com as ideias advindas das nações mais desenvolvidas, ainda conservava às mulheres uma educação apenas voltada para a vida doméstica, trabalhos manuais e educação moral que perdurou por todo esse período. O acesso das mulheres à educação foi um processo que ocorreu vagarosamente, como denunciou Nísia Floresta (1989b, p. 87) quando falava sobre as construções de escolas para meninas: “não podemos deixar de sofrer quando, enumerando esses novos estabelecimentos, nenhum encontramos pertencentes ao sexo feminino”.

Uma viajante brasileira no século XIX: Nísia Floresta Brasileira Augusta

No século XIX quando as mulheres brasileiras tinham seus direitos limitados pela sociedade, Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), a Nísia Floresta Brasileira Augusta, dava seu grito de alerta, que foi ouvido não apenas no Brasil, mas em vários países do mundo. “Povos do meu Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?” (FLORESTA, 1989b, p. 02). Seu grito ecoou no cerne de uma sociedade patriarcal, onde o sexo feminino era tido como inferior, ao masculino, em todos os aspectos. Nesse sentido, sobre a educação das meninas, ressaltava Floresta (1989b, p. 67):

Dizia-se geralmente que ensinar-lhes a ler e escrever era proporcionar-lhes os meios de entreterem correspondências amorosas, e repetia-se, sempre, que a costura e trabalhos domésticos eram as únicas ocupações própria da mulher.

Em diálogo com Floresta, Silva (2014) afirma que a vida das mulheres era resumida ao lar, à criação dos filhos e a ser uma boa esposa. Saber bordar era uma característica positiva àquelas que tivessem tal habilidade, e a escolarização era praticamente escassa, pois na crença da época, elas não necessitavam de instruções, como mencionou a própria Floresta (1989b, p. 68). Nesse período, se um pequeno grupo de mulheres soubesse ler o livro de orações ou receitas, a função da educação já teria sido alcançada. “Era quase geral a opinião, como dissemos, que a instrução intelectual era inútil, quando não prejudicial, às meninas”.

Foi neste cenário que Nísia Floresta despontou contrariando a realidade que perdurou ao longo do século XIX. Nordestina do Rio Grande do Norte, foi filha do advogado e escultor Dionísio Pinto Lisboa, natural de Portugal, e da dona de casa Antonieta Clara Freire. Nísia Floresta Brasileira Augusta foi um pseudônimo usado pela escritora, revelando sua personalidade, visto o sentido que lhe foi atribuído. Nísia, por sua vez, era diminutivo de seu nome, Dionísia, e Floresta, em homenagem ao sítio

onde nasceu na cidade de Papari, Rio Grande do Norte. Já Brasileira foi pelo seu patriotismo e, finalmente, Augusta, homenageando seu compa-
nheiro, Augusto (SILVA, 2014).

Pelo seu determinismo na luta pelos direitos das mulheres e, con-
sequentemente, pela sua emancipação, acreditando que este fato só seria
possível através da educação, Nísia é considerada a “primeira feminista
do Brasil” (DUARTE, 2005; BARBOSA, 2006; ROSA, 2010; ALMEIDA;
DIAS, 2009) contribuindo, dessa maneira não somente para história da
educação feminista no Brasil, mas para história da América Latina. Por-
quanto, suas ideias revolucionárias antecederam em quase um século o
Movimento Feminista, que posteriormente teria como principal bandeira
de luta, direito das mulheres à educação. Sobre esta consideração adverte
Duarte (2005, p. 15):

O fato de estar à frente de seu tempo vai lhe custar o não recon-
hecimento de seu talento, por isso seu nome não consta na his-
tória da Literatura Brasileira, como escritora romântica, e muito
menos na história das mulheres, ou da educação feminina, co-
mo educadora.

O esquecimento a que se refere a autora nos proporciona uma re-
flexão crítica sobre a condição de invisibilidade da história feminina no
país, especialmente quando nos remetemos ao conhecimento produzido
pelo sexo feminino e suas contribuições sociais à história do Brasil. E não
apenas de Floresta, mas de diversas mulheres que, através de sua ousadia
de enfrentamento, demonstraram bravura perante as concepções exclu-
dentes do universo masculino. Em diálogo com Hahner, a autora com-
pactua desta afirmação ao fazer uma crítica a esta supressão dos conhe-
cimentos produzidos pelas mulheres.

Embora este tenha sido um fato inegável, até muito pouco tem-
po, as atividades das mulheres brasileiras não tinham recebido,
de um modo geral, mais do que uma atenção bastante medíocre
dos estudiosos brasileiros. Por esta razão os textos da historio-
grafia oficial e os de outros campos de estudos afins, por muitos
anos, praticamente, insistiram em desconhecer-lhes a existên-
cia, ou, se as mencionam adotam observações de caráter mais
impressionista do que factual, carregadas de apreciações gené-

ricas sobre sua contribuição para a sociedade e de afirmações que perpetuam crenças preconcebidas sobre a natureza feminina. (HAHNER, 2003, p. 23).

Neste sentido, Nísia Floresta foi por muito tempo esquecida não apenas na história do país, mas de sua terra natal. Tardiamente viria a se reconhecer seu papel decisivo como cidadã na história da educação das mulheres no Brasil, pois, segundo Duarte (2005, p. 14), “num tempo em que esmagadora maioria das mulheres vivia trancafiada em casa sem nenhum direito”, Nísia Floresta exigia escolas para meninas.

Em meio ao grande número de mulheres analfabetas, silenciadas, sob os domínios masculinos, a escritora é lembrada como a pioneira do feminismo no Brasil e na América Latina, devido a inexistência de documentos comprobatórios que registrem textos anteriores sobre mulheres com a mesma especificidade de Nísia. Concordamos com Duarte (2010), na medida em que identificamos na obra de Nísia Floresta (1997, p. 149) a denúncia, desta autora sobre as questões do que hoje denominamos relação de gênero.

O ensinamento da igualdade que deve reinar entre homem e mulher, começa neles em relação ás próprias irmãs em seus jogos infantis, e em todos aqueles milhares de costumes domésticos, nos quais transparece orgulho excessivo e aquela pretensão do rapazola que tanto vos diverte, que nada mais é, ó mulheres, senão o germe deste presunçoso egoísmo que vos opriime por toda a vida [...].

De posse dessa afirmação, a autora buscou as causas da desigualdade entre os sexos, a partir dos primeiros contatos entre meninos e meninas. Sua explicação decorre da convivência entre as crianças, quando se trata das divisões, decerto, das brincadeiras e comportamentos destinados ao masculino e ao feminino, estabelecidos desde tenra infância, pelos adultos.

Precocemente, é nos primeiros escritos de Floresta, ainda com 22 anos, que encontramos uma linguagem que já apontava seu inconformismo, denunciando as condições de desigualdade dos direitos femininos em relação aos masculinos, do analfabetismo e do pensamento patriarcal que mantinham a submissão da mulher perante o homem.

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontrariam todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens (FLORESTA, 1989, p. 35).

A escritora, portanto, pôs à prova esta crença masculina quando diz que “não posso considerar este raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar” (FLORESTA, 1989, p. 35), e nessa perspicácia já reivindicava uma sociedade menos excludente e mais igualitária. Segundo afirma Rosa (2010, p. 89), “há escritos e ideias revolucionárias que mostram uma preocupação filosófica com o cotidiano brasileiro da época em que viveu e com a construção de uma reforma na educação das meninas do Brasil”. A singularidade de Floresta é marcante no que concerne o seu pensamento feminista, ao questionar o cenário desolador em que vegetavam a grande maioria das mulheres de seu tempo.

Os escritos de Nísia Floresta, numa época em que a mulher não tinha voz de fato, logo foram de uma contribuição ímpar para história da educação feminista e emancipação da mulher, passando pelas ideias contra a escravidão negra e indígena. A escritora deixou um legado de 15 títulos publicados, que englobam diversos gêneros, como poemas, ensaios, romances e relatos de viagens. Muitas das ideias foram registradas nas línguas portuguesa, francesa e italiana. Teve também participação ativa na imprensa brasileira, onde publicou diversos textos, reivindicando, dentre outros temas, precisamente o acesso da mulher à mesma educação oferecida aos homens.

De fato, Nísia Floresta Brasileira Augusta teve sua vida particular marcada por idas e vindas ao exterior. O ano de 1872 marcou a última viagem ao seu país de origem. “Em 24 de abril de 1885, se despedia da literatura, a mulher que deixou seu nome marcado na história da educação feminista brasileira. Seu corpo foi enterrado no Cemitério de Bonsecours, em Rouen, na França” (SILVA, 2014, p. 56).

Em 1954, a imprensa, que foi tão utilizada por Nísia Floresta, imprimia em suas páginas a notícia do translado de seus despojos que chegaram ao Recife, com destino a sua terra natal. “Ocasião de várias homenagens. Os espólios seguiram para o município de seu mesmo nome, Nísia Floresta-RN, antes, Papari⁴, cidade em que havia nascido” (SILVA, 2014, 56).

Traços de viagens em solo brasileiro: Nísia Floresta

As viagens de Nísia Floresta pelo solo brasileiro muito se diferem das que realizou pela Europa, em países como França, Itália, Grécia, Bélgica, Alemanha, Inglaterra e Portugal. Lugares onde concretizou sua militância frente à emancipação do sexo feminino e os problemas educacionais do Brasil. Em sua estada nos países europeus não deixou de escrever sobre a fragilidade do sistema educacional brasileiro, como ressalta Rosa (2010, p. 90-91),

Nísia escreveu bastante sobre o Brasil nos países por onde andava, desmistificando a visão que os europeus tinham de nossa terra, e também salientava que muito do que se tinha como “novo” no âmbito educacional europeu, ela, como brasileira, já estava trabalhando com a mesma perspectiva no Brasil.

Para Constância Lima Duarte (2005), a brasileira não apenas escreveu sobre a realidade educacional inferior do seu país, mas por cada cidade onde esteve procurava descobrir o que ali tinha sido produzido pelas mulheres, que haviam contribuído de alguma forma para a história do país. Buscava, assim, a especificidade da participação de cada uma delas, que “provavelmente, ao registrar os nomes de mulheres que se destacaram, a autora pretendia não só chamar a atenção para suas realizações,

⁴ O Decreto-Lei n. 146, de 23 de dezembro, muda o nome de Papari para “Nísia Floresta”. Marechal Rondon, positivista, deu o nome de Nísia Floresta também a um posto indígena de Pernambuco (DUARTE, 2005, p. 56-57).

como dar às leitoras modelos femininos de comportamento dignos de serem seguidos”, como afirma Duarte (2005, p. 16).

De fato, este talvez tivesse sido um dos objetivos da escritora ao registrar estas histórias por cada lugar que visitou, visto que a maioria de suas conterrâneas ainda se encontrava em plena ignorância intelectual, depositando suas virtudes no agrado masculino.

Nesse sentido, as viagens de Nísia Floresta pelo Brasil foram, num período de mudanças sociais, dificuldades e decisões as quais marcaram a vida da autora, até se estabelecer no Rio de Janeiro, aos 28 anos. Para Floresta (1982, p. 67), viajar seria “o meio mais seguro de aliviar o peso de uma grande dor que nos mina lentamente”. Esta afirmação, feita quando a autora estava em sua viagem pela Alemanha, nos parece propícia também às viagens que realizou no Brasil. Vejamos, ou melhor, viajemos!

Os “Rios” visitados por Nísia Floresta, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, não têm apenas em comum a palavra, mas também realidades políticas e sociais que marcariam para sempre a vida da autora.

Rio Grande do Norte

Papari era situada num vale estreito e profundo, do mais delicioso aspecto, e contava com uns 300 habitantes, segundo Koster (1942, p.104). Esta terra, situada às margens do rio, era um lugar tranquilo e agradável onde Nísia Floresta viveu parte de sua infância até os sete anos idade. Nesta localidade sua família possuía, segundo os relatos de Koster (1942), um pequeno pedaço de terra no vale, que aos olhos do viajante pareceu muito próspero. Filha de advogado português e uma dona de casa brasileira, Floresta pertencia a uma família com certo prestígio na sociedade de sua época. Mesmo com esse privilégio, Nísia Floresta, nesse período, ainda não frequentava escola, pois a realidade da educação no Rio Grande do Norte não se diferenciava das demais províncias do país.

A inexistência de escolas era alarmante. Em 1832, existia em Natal apenas duas instituições de ensino primário, sendo uma feminina e uma masculina. Em Papari ainda não existia escolas, segundo dados de estudo realizado por Almeida (1989). De acordo com Adauto Câmara (1941), em Papari a instrução pública só chegaria em 1860, enquanto a particular não se tinha notícias.

O clima de tranquilidade em Papari não perduraria por muito tempo. A Revolução de 1817, também conhecida como Revolta dos Padres, foi a primeira das várias revoltas que marcaria a vida da educadora. Em 1817 eclodiu em Pernambuco um movimento de caráter emancipacionista tendo dentre várias causas, a crise econômica, o absolutismo monárquico português e ideias iluministas propagadas por seguidores maçônicos. A propagação dessa revolta chegou ao Rio Grande do Norte e fez com que a família do senhor Dionísio deixasse Papari pela primeira vez. Segundo Nísia Floresta (2001, p. 47), seu pai, “espectador aflito e indignado com essas horríveis hecatombes, às quais não escaparam alguns de seus amigos mais distintos, retirou-se assim que pôde, com sua família, de sua terra, a fértil e charmosa Floresta”, adotando Goiana, uma cidade muito prosperta da província de Pernambuco, para viver de 1817 a 1819. Neste último ano, a família volta a residir novamente no Sítio Floresta. Ainda segundo relata a própria Nísia Floresta (2001, p. 47),

Parecia que ainda ouvíamos e eco repetir os gemidos das vítimas de 1817, imoladas à vingança de seus dominadores de além-mar, cujo despotismo punia, com uma barbárie digna de idade Média, os chefes e os aderentes do Partido Republicano.

Já em 1823, então com 13 anos, Nísia se casa pela primeira vez. Mas por motivos desconhecidos toma uma atitude contrária aquela época, separando-se de Manuel Seabra de Melo, proprietário de terras de Rio Grande do Norte. Dessa forma, como já se percebe desde cedo, a escritora demonstrava grande obstinação para emancipação feminina. Nesse período, a realidade das mulheres brasileiras, segundo Emilia Costa (2010, p. 494), “era de uma mulher com pouca ou nenhuma educação e iniciativas, que aspirava apenas ao casamento e à maternidade, cuja honra era definida quando jovem pela sua virgindade”. Não observamos

ssas características na posição tomada pela ainda menina, Dionísia Gonçalves Pinto, que já demonstrava inquietude e contrastava com os ideais cominadas pela sociedade. Coincidentemente, no mesmo ano do desfecho do casamento, a família Pinto resolve sair novamente de Papari. Segundo Nísia Floresta (2001, p; 49), seu pai, “desgostoso com essa província por outros penares, [...] retornou a Pernambuco, onde continuou sua carreira de advogado”, voltando à cidade de Goiana-PE.

No Brasil, com suas raízes patriarcais, uma jovem em pleno século XIX que resolve deixar o marido e voltar a residir com os pais, seria considerada um caso de escândalo. Sem obedecer ao marido, contrariava às regras da Igreja Católica, que recomendava às mulheres, entre outras obrigações, amar, respeitar, obedecer, servir com devoção e tolerar todos os defeitos do seu marido. Nísia Floresta, em 1823 contrariou a pequena Papari que se tornaria estreita para ela, como descreveu Koster (1942).

Decerto, a educadora teve apoio dos pais para tal façanha. Como uma família, nessa época, poderia acatar esse comportamento da filha? Seus pais certamente seriam uma exceção.

Koster (1942, p. 105), ainda em sua estada no Sítio Floresta, em 1810, afirmava que “o senhor Dionísio apresentou-me a sua mulher. Ele é português e ela brasileira”. Este fato, que parece normal nos dias atuais, para a época era incomum, pois as mulheres viviam em quase que absoluto isolamento, “longe dos olhos dos estranhos, sendo vistas apenas de esguelha quando iam à igreja” (COSTA, 2010, p. 494).

De fato, para que o Sr. Dionísio, pai de Nísia Floresta, não mantivesse sua esposa enclausurada, deveria ter um pensamento contrário aos da maioria dos homens de sua época. Esse comportamento também pode nos ajudar entender por que aceitou que sua filha voltasse a residir com a família. Por outro lado, nos faz questionar por que casou a filha tão cedo, como era de costume. O que podemos observar é que a educadora cresceu num ambiente em que o pai, de certa forma, tinha um respeito aparente por sua mãe.

Pernambuco

A volta a Pernambuco, desta vez, seria definitiva para a família do Sr. Dionísio. Nessa província, Nísia Floresta viveu alegrias e tristezas. Em Goiana, possivelmente, fez seus primeiros estudos no convento das Carmelitas (CÂMARA, 1941). A educação de Pernambuco, nesse período, segundo cronologia elaborada por Lage (2012), apoiada em Almeida (1989), seguia de forma acanhada, mas representava um pequeno avanço em comparação com as demais províncias. “Foram criadas, em 1828, cinco aulas de primeiras letras para meninas, sendo três em Recife, uma em Olinda e uma no interior, apesar de não ter havido matrícula na época” (LAGE, 2012, p. 12). Ainda de acordo com essa autora, em 1825 foi criado em Pernambuco o Liceu Provincial, que compreendia as aulas de Primeiras Letras e Aulas Maiores. Em 1827 foi inaugurado o Curso Jurídico de Olinda, o primeiro de Pernambuco e o segundo do Brasil. Enquanto que as escolas primárias para meninas seriam criadas em 1836 (LAGE, 2012, p. 14).

No campo político mais uma revolta estava acontecendo em Pernambuco, a Revolução de 1824, também conhecida como a Confederação do Equador, além da Revolta dos Cabanos em 1830.

Na cidade pernambucana de Goiana que Nísia Floresta viveu parte de sua infância e parte de sua mocidade. Terra de muitas águas, talvez seja o significado mais provável para palavra Goyanna que vem tupi-guarani. Um dos principais centros econômicos da província de Pernambuco, Goiana participou ativamente das revoltas de 1817 e 1824. Foi nesse clima, republicano e liberal, que Nísia Floresta conviveu durante o tempo em que habitou em Pernambuco.

Maria Quitéria, Maria Camarão, Maria Clara e Joaquina: essas quatro mulheres entraram para história não apenas de Goiana, mas do Brasil, assim como Nísia Floresta. Mas esta última, como sabemos, foi mais além. Conhecidas como as Heroínas de Tejucupapo, essas quatro mulheres, segundo a história, de posse de água fervente com pimenta, paus, pedras e tudo mais que pudesse se defender e expulsar os inimigos, saí-

ram vitoriosas na luta contra os invasores holandeses, quando nesse lugarejo estiveram para saquear seus alimentos, no ano de 1646. Esta cidade escolhida pela família da educadora, em sua segunda estada, guardava um histórico de luta das mulheres. Anos mais tarde, esta cidade também entraria para história por ter sido a primeira cidade pernambucana a abolir a escravidão, em meados do ano de 1884.

No contexto em que a escritora por lá viveu, ocorreu a Revolução 1824, conhecida com a Confederação do Equador, um movimento revolucionário, emancipacionista e republicano que foi de encontro ao governo absolutista e centralizador de D. Pedro I. Nesta cidade, segundo Câmara (1942), Nísia Floresta teve seus primeiros estudos.

Não se sabe a data exata em que Nísia Floresta passou a viver em Olinda. Um lugar que, em meados de 1828, se tornaria um burgo de estudantes devido a fundação do curso direito na cidade. É nesse período que Nísia Floresta conhece o seu companheiro, Manuel Augusto de Faria Rocha, estudante de Direito. A Faculdade de Direito de Olinda foi inaugurada em maio de 1828, tendo suas primeiras instalações no Mosteiro de São Bento.

Desde sua fundação, os alunos da Faculdade estiveram sempre presentes em várias atuações políticas e culturais. Nísia Floresta viveu parte dessa efervescência ao lado de seu companheiro, que possivelmente, proporcionou o contato da educadora com o pensamento liberal e republicano da época. Considera-se também sua aproximação com os demais estudantes, que se reuniam na residência do casal, em Olinda, segundo apontam alguns estudiosos da obra nisiana.

A primeira turma que se formou na Faculdade de Direito de Olinda data de 1832. Nela também se formou o companheiro de Nísia Floresta. Após sua formatura, o jovem casal foi morar no Rio Grande do Sul. Mudou-se sem a presença do seu pai. Senhor Dionísio foi morto após ganhar uma causa contra os poderosos da cidade de Olinda.

Antes da partida, porém, Nísia Floresta edita o seu primeiro livro, “Direito das mulheres e injustiça dos homens”, então com 22 anos. Esta obra, segundo a própria Nísia Floresta, seria uma tradução livre do livro “*A vindication of the riggths of women*”, de Mary Wollstonecreft. O texto

nisiano denunciava com um expressivo olhar as condições de desigualdade intelectual entre homens e mulheres, muito comum para sociedade brasileira daquela época. Nesse livro a condição de submissão da mulher e o mito da superioridade dos homens também foram preocupações de Nísia Floresta (1989^a, p. 47), pois afirmava que “todos sabem que a diferença dos sexos só é relativa ao corpo”. Ainda em Pernambuco, Floresta teve várias participações na imprensa pernambucana denunciando a condição feminina.

Rio Grande do Sul

Deixando Pernambuco, a educadora segue seu destino, estabelecendo-se em Porto Alegre. Em 1835, Nísia Floresta presencia mais um movimento, a Revolução dos Farrapos ou Farroupilha (1835-1845). Nesta capital ficou viúva aos 23 anos e teve mais um filho.

No campo educacional, segundo Almeida (1989, p. 78), a realidade de Porto Alegre em 1832 era a seguinte: três escolas primárias para meninos e uma primária para menina. Segundo esse autor, “esta província, uma das mais assoladas pelas guerras estrangeiras e lutas civis, não podia, em razão destas circunstâncias, dar à instrução todo o desenvolvimento que ela reclama”. Nesse sentido, a discussão a seguir nos recai sobre essa realidade que assolava Porto Alegre no período em que Floresta esteve nessa cidade.

A Revolução dos Farrapos decorria de revoltas contra o poder centralizado, e às altas taxas de impostos que se impunham ao pagamento. A diferença entre os partidos Republicano e Conservador fomentavam a revolta. No ano de 1835, destacava-se a participação de Bento Gonçalves, tendo o envolvimento do italiano Giuseppe Garibaldi, político e militar revolucionário, e de sua esposa Ana Maria Ribeiro da Silva, conhecida como, Anita Garibaldi, que se destacou por sua participação nas campanhas revolucionárias do Brasil. Na ocasião, Nísia Floresta, também manteve contato com Anita Garibaldi. No entanto, como Nísia teria conhecido e formado essa amizade, ainda pouco se sabe.

Em Porto Alegre, Nísia Floresta teria se dedicado a sua família, mãe e filhos, e teria inaugurado um colégio. No entanto, não há registros de que tenha dirigido algum colégio nesta capital. Estudos mais recentes, como o da tese de doutorado de Graziela Rinaldi da Rosa (2012), não indicam fontes que comprovassem tal afirmação. Com o alastramento da revolta, Nísia continua suas andanças, e a capital do Império seria seu próximo destino.

Rio de Janeiro

A capital do Império seria o último ponto de parada em terras brasileiras da feminista. Com a vinda da Corte Portuguesa para Rio de Janeiro, a cidade foi berço de diversos acontecimentos, tornando-se um proeminente centro comercial e político. Foi ainda, à época, palco de diversas campanhas abolicionistas e republicanas.

A imprensa brasileira teve intensa circulação na capital. Os impressos eram utilizados para diversos fins. Foi nessa cidade que também surgiram diversos estabelecimentos de ensino, com uma minoria para meninas. Eram nesses poucos estabelecimentos que as meninas aprendiam rudimentarmente a contar, ler e escrever, no entanto, aprendiam a doutrina cristã e trabalhos de agulha. O progresso escolar ainda era lento, principalmente, para as mulheres. Segundo Almeida (1989), no Rio de Janeiro, em 1834, havia 23 escolas e colégios particulares para meninos e 16 escolas e colégios para meninas.

No ano em que Nísia Floresta chegou ao Rio, foi inaugurado o Colégio Pedro II, apenas para meninos. O acesso das meninas à educação ainda estava restrito às aulas que aconteciam nas próprias casas dos professores e professoras, em sua maioria, estrangeiros. Situação constatada por Nísia Floresta em seu “Opúsculo humanitário” (1989b). É nessa realidade que a educadora funda o Collégio Augusto, em 1838, apenas para a educação das meninas. A própria Floresta era diretora e professora da instituição e ensinava as línguas e gramáticas do português, latim, francês, italiano e inglês. A caligrafia, religião cristã, aritmética, história antiga,

moderna e universal e geografia, por sua vez, também compunham a grande escolar. A música não estava de fora, além de aulas de piano e de desenho. Acrescente a estas matérias a cosmografia⁵, aritmética e poesia. Enquanto o Collegio Augusto oferecia essas matérias, a maioria das instituições se limitava a oferecer o que acreditavam ser o essencial para a educação das meninas: ler, escrever, contar, gramática nacional, ortografia, coser, marcar diversos moldes, bordar de todas as qualidades, cortar e fazer vestidos. Foi no Rio de Janeiro que a autora encerrou suas viagens pelo Brasil.

Considerações finais

As viagens realizadas por Nísia Floresta nos levam ao encontro de uma mulher que, outrora à sua singularidade, imprimiu suas ideias e pensamentos contra o enquadramento conceitual operante que negava à mulher o seu acesso à educação e a outras cidadanias no século XIX. Dionísia Gonçalves Pinto, a Nísia Floresta Brasileira Augusta, ressignificou-se, pois, em cada leitura realizada, necessário a esse estudo.

De fato, as viagens de Floresta nos revelaram uma mulher forte, ousada, adiante de seu tempo. Uma viajante de olhar reflexivo, trajetórias e vivências singulares por onde passou, que propôs reflexões e denunciou as condições sociais do sexo feminino, assim como as oportunidades de ensino negadas às mulheres de sua época.

⁵ Astronomia descritiva, termo que vem do latim *cosmographia*, adaptado do grego *kosmographía*, ou seja, descrição do mundo, do universo, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001).

Referências

- ALMEIDA, C. R. S.; DIAS, E. D. M. Nísia Floresta: o conhecimento como fonte de emancipação e a formação da cidadania feminina. *Revista História de La Educación Latino Americana*, v. 13, Tunja, Universidad Pedagógica y Tecnologica de Colombia, Rudecolombia, p. 11- 27, 2009.
- ALMEIDA, J. R. P. *História da instrução pública no Brasil (1500-1889)*. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.
- BARBOSA, P. C. *Nísia Floresta: uma mulher à frente do seu tempo*. Almanaque histórico. Brasília: Mercado Cultural, 2006.
- CÂMARA, A. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941.
- COLLING, A. M. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- COSTA, E. V. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 9.^a ed. São Paulo: UNESP, 2010.
- DUARTE, L. C. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana, 2010.
- _____. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.
- HAHNER, J. E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- IANNI, O. *Pensamento Social no Brasil*. Bauru: EDUSC, 2004.
- KOSTER, H. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942.
- LAGE, A. *A Educação na história de Pernambuco*. Pesquisa de estágio pós-doutoral. Universidade Federal de Rio Grande do Sul. 2012.
- ROSA, G. R. Nísia Floresta e a reforma na educação no Brasil em busca da equidade de gênero. In. STRECK, D. R. *Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SILVA, E. M. *Mulheres, emancipai-vos! Um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta*. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea). Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

Fontes

- FLORESTA, N. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. 4^a. Ed-

ção. São Paulo: Cortez, 1989a.

_____. *Máximas e pensamentos*. In: DUARTE. C. L. Inéditos e dispersos. Natal: UFRN; NCcen, 2009.

_____. *Opúsculo humanitário*. São Paulo: Cortez; Natal, Fundação José Augusto, 1989b.

Recebido em 12 de março de 2017.
Aprovado em 03 de abril de 2017.